

SE03. 100 anos de Argonautas do Pacífico Ocidental: considerações sobre o trabalho de campo pós-malinowskiano

Coordenação: Edilene Coffaci de Lima

Sessão 1

Participante(s): Levi Marques Pereira (UFGD), Mariana Ciavatta Pantoja Franco (UFAC), Tomás Henrique de Azevedo Gomes Melo (INRua)

Debatedor(a): Edilene Coffaci de Lima (UFPR)

Sessão 2

Participante(s): Edilene Coffaci de Lima (UFPR), Sonia Regina Lourenço (UFMT), Taisa Lewitzki (UFRN)

Debatedor(a): Levi Marques Pereira (UFGD)

Resumo:

Argonautas do Pacífico Ocidental, consagrada como a obra que inaugurou a antropologia moderna, completa 100 anos. As lições de Bronislaw Malinowski, sobretudo suas recomendações para a boa realização do trabalho de campo, são apresentadas em sua célebre introdução, leitura obrigatória em cursos introdutórios, e ecoam ainda hoje. Lá o autor preconizava a necessidade imperativa de longas temporadas em campo, domínio da língua nativa e anotações cotidianas sistemáticas, a elaboração do famoso diário de campo, entre outros tantos protocolos. Sem que seja preciso dar atenção ao fato de que a publicação de seu diário pessoal, em 1967, pôs por terra essa imagem romântica do trabalhador de campo solitário e incansável, muito mudou nesse primeiro século que agora se celebra: seja porque o mundo foi descolonizado; seja porque, em algumas situações, os nativos, de quaisquer partes, passaram a duvidar de nossos compromissos, de nossa ética; seja porque, outras vezes, nativos e pesquisadores tornaram-se parceiros e/ou amigos e alinharam-se em busca de objetivos comuns (demarcação de terras, apoio à educação escolar, ao atendimento à saúde, elaboração de livros e de projetos com objetivos variados, denúncias de arbitrariedades cometidas por toda parte e tantas outras demandas tornaram-se corriqueiras). A implicação no campo guiou e guia ativismos antropológicos, além da própria etnografia, a partir da qual se estabeleceu. Pretende-se com esse Simpósio Especial justamente debater sobre as transformações do trabalho de campo, que se mantém prevacente na definição da identidade dos profissionais de nossa disciplina.

Transformações na prática etnográfica a partir uso de mídias e de interação com indígenas pesquisadores

Autoria: Levi Marques Pereira

Chamado de Copérnico da Antropologia, Malinowski trouxe, em Os Argonautas do Pacífico Ocidental, não apenas a proposta de um método inovador sobre como realizar a pesquisa etnográfica, mas também todo um ideário sobre a realização do trabalho de campo, por muito tempo considerado como ritual de iniciação do antropólogo. Passados 100 anos desde sua primeira publicação, o livro continua sendo lido e discutido com proveito nos cursos de antropologia, mas o ideal romântico do trabalho de campo, como momento de afastamento e ruptura radical do pesquisador com seu próprio sistema cultural está cada vez mais improvável de se realizar nos múltiplos cenários onde se realizam as pesquisas atuais. A contribuição proposta para esse Seminário busca refletir sobre as transformações na prática etnográfica, tomando como referência pesquisas realizadas entre os Kaiowá e Guarani no MS. O advento da Pandemia de COVID 19 intensificou o uso das mídias, ampliando também as possibilidades de uso desses recursos na prática

etnográfica. Em cada terra indígena no MS, a exemplo do que acontece em outras regiões, existem inúmeros grupos de whatsapp reunindo e conectando evangélicos, jovens, professores, organizações indígenas, agentes de saúde, grupos de amigos, famílias extensas, etc. Do mesmo modo, acessam com avidez outras formas de mídia, como o Facebook. Os temas discutidos vão desde assuntos de interesse público e geral dos indígenas, como, por exemplo, o Marco Temporal, até temas de interesse mais restrito das famílias ou comunidades, como acusações de feitiçaria, traições matrimoniais, etc. Boa parte da comunicação nas terras indígenas passa hoje pela mídia, e mesmo as pessoas mais idosas são atualizadas pelos mais jovens sobre o que está sendo discutido. Pesquisadores que realizam suas investigações nessas comunidades, mesmo estando em outros estados ou países, podem interagir com pessoas das comunidades através destes recursos. Outro evento importante na transformação do modo de se fazer pesquisa foi a entrada de pesquisadores indígenas na pós-graduação *stricto sensu*. Só nos programas da UFGD são mais de 30 atualmente, em diversos programas. Isto coloca situações inteiramente novas, como os pós-graduandos e os professores dos programas se virem na contingência de compartilharem esses espaços com os indígenas, o que não raro gera certos constrangimentos, mas instaura um rico processo de reflexão e oportunidades de trocas de percepções e, mesmo de estabelecimento de colaboração na realização de trabalho de campo, ou em escritas compartilhadas.

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

